

A ARTE
DE SER MULHER
UM ARTIGO DE
CARMEN DA SILVA

DESCONFIE DO AMOR DE QUEM PEDE MUITA LIBERDADE

seus pais mais amor e aprovação. Está igualmente no extremo oposto, isto é, no ponto mais alto da evolução, quando um indivíduo sacrifica grande parte de suas satisfações pessoais para dedicar-se a uma causa que interessa a toda a humanidade, sentindo-se compensado com as gratificações decorrentes do senso de fraternidade universal.

Inclusive, a própria neurose não é mais do que um sistema (errado) de compensações. Não é certo, como pensam alguns desavisados, que o masoquista desfrute do sofrimento pelo sofrimento em si, que o histérico tenha prazer em seus sintomas ou o fóbico em suas fobias. Eles aceitam o fracasso e a dor como uma punição que lhes causa alívio, ao apaciar a angústia derivada de seu senso de culpabilidade inconsciente. É uma forma de pechinchar com o próprio superego: "Prefiro sofrer os males que eu mesmo escolho e provooco, e não os que me pretendem impor, que talvez sejam muito piores".

A diferença entre a compensação neurótica e a compensação normal, sadia, pode expressar-se mediante um provérbio que é, pelo menos, tão antigo como a musiquinha que citei no princípio: ao contrário do neurótico, a pessoa psicologicamente sadia "não paga pelo apito mais do que o apito vale".

Todos esses esclarecimentos visam a desencorajar as expectativas desmedidas que abrigam certas mulheres. Mal um homem se lhes aproxima e elas já se põem a tecer conjeturas e fantasias sobre o que poderão obter dele. Não se detêm a analisar os sentimentos que ele lhes desperta, se é que desperta algum; não pensam no que teriam a dar-lhe e sim no que teriam a receber, se ele se mostrasse, de saída, disposto a mergulhar de cabeça num namoro definitivo, num rápido noivado, nas responsabilidades matrimoniais. Essa avidez pelo casamento, existente em grande número de mulheres — inclusive em muitíssimas das jovens supostamente "avançadas" de hoje em dia —, justifica, pelo menos em parte, certas atitudes defensivas que os

homens costumam tomar com relação a elas.

E há casos em que um homem alega a impossibilidade de assumir compromissos a curto prazo, fundado numa situação concreta, em condições objetivas que ele não pode superar no momento. Ocorre, por exemplo, com o jovem em início de carreira; ou com o que mantém os pais; ou com o que, por qualquer outra razão, igualmente válida, não pode pensar ainda em assumir encargos de família. Trata-se aqui de uma definição franca, uma advertência honesta, que merece ser respeitada.

QUANDO OS HOMENS QUEREM DE MENOS

Em geral, porém, no contexto que estamos considerando, a palavra "compromisso" é usada no sentido de envolvimento emocional. Um homem se interessa por uma mulher — mas, logo no começo, vai criando barreiras e estabelecendo limites, tanto para ela como para si mesmo. A questão é manter os próprios sentimentos sob controle, garantir-se um espaço de manobra que lhe permita — desta vez, a ele — obter o máximo em troca de quase nada.

As escusas que ele emprega costumam ser ou do tipo altisonante ou do tipo lamurioso. Uns esgrimem uma palavra que sempre impressiona bem, embora tenha sido tão manuseada ao longo dos tempos: liberdade; pretendem uma relação "diferente", evoluída, espontânea — em suma: livre. Dir-se-ia que acreditam estar descobrindo uma nova forma de amor, à margem da realidade e pairando infinitamente acima de contingências humanas tão "desprezíveis" como a necessidade de combinar um encontro para a próxima quarta ou quinta-feira. . . São os detratores de vínculos simples que unem o comum dos mortais, baseados em respeito mútuo, em consideração recíproca, no desejo da presença e no impulso de compartilhar as horas, as emoções e as experiências. Outros — os queixosos — pretendem cobrar da namorada os reveses, vicissitudes e frustrações padecidos ao longo da existência: "Já sofri demais, agora não quero me expor outra vez. Quando me entreguei de corpo e alma, não fui compreendido, agora prefiro me prevenir para não levar outro golpe".

Existem também os que se escudam em pretextos externos, objetivos. É o caso do rapaz que já está noivo e que de

nenhum modo teria coragem de defraudar aquela pobre moça (a noiva), tão séria e dedicada, que confia nele. Ou do homem casado que se diz infeliz e incompreendido na situação conjugal mas que não pode sair dela, seja por causa dos filhos, do desamparo da esposa, da impossibilidade material de manter dois lares, da gratidão que ele guarda pela mulher que, apesar dos desentendimentos, continua sendo devotada e fiel; e até mesmo para não desorganizar demais uma vida que, embora longe de ser satisfatória, pelo menos mantém certa aparência de normalidade. Enfim, nunca lhe faltam razões virtuosas. Nenhuma delas é suficiente para impedi-lo de procurar outra mulher — mas qualquer delas basta para que essa segunda relação tenha de manter-se dentro dos limites que ele previamente lhe fixa.

A ESPERTEZA QUE NÃO É

Em concreto, que pretende um homem que — seja a título de preservar sua liberdade, de escapar à rotina, de evitar frustrações ou de "respeitar" (a seu modo) uma situação preexistente — inicie um vínculo anunciando, de saída, a intenção de não o levar às últimas conseqüências? Em que atitudes práticas se traduz esse propósito de não se comprometer?

Em síntese, o que ele quer é ter um pé dentro da relação e o outro, fora. Quer a certeza de encontrar a moça mais ou menos à sua disposição, no outro extremo do fio telefônico, no dia e hora em que ele desejar sua presença. Quer ter companhia e confidante quando o capricho lhe ditar; mas recusa ser solicitado nos momentos em que ela possa precisar de companhia e desabafo. Quer exibi-la como "sua garota" quando lhe parecer oportuno, reservando-se, porém, o direito de se apresentar como rapaz desimpedido — ou como marido inatacável — quando isso lhe convier. Quer uma relação que, em certos aspectos, pode parecer amizade — pois a

segue



A ARTE
DE SER MULHER
UM ARTIGO DE
CARMEN DA SILVA

O CASAL QUE SE AMA NÃO TEM MEDO DE COMPROMISSOS

amizade deixa livre para contrair outros vínculos —, mas não se priva de tomar atitudes e fazer exigências de índole claramente amorosa. E acha que o fato de ter “cantado” desde o princípio as regras do jogo automaticamente o converte num sujeito muito sincero e leal. Mesmo que as regras do jogo ele as tenha criado em exclusivo benefício próprio, sem consultar em absoluto os interesses e a sensibilidade da outra parte.

Esperanza? Sim, num plano superficial cabe essa definição. Mas conviria levar um pouco mais longe o exame da situação. Qualquer relação humana, seja de que índole for, que se desenvolva sob o signo da esperança, da astúcia, do desejo — unilateral ou recíproco — de aproveitar-se do outro, é uma distorção, uma paródia. É uma triste paródia, pois ela não é tão deliberada como o próprio sujeito imagina: talvez sem querer, sem saber, ele obedece a uma *compulsão interna* de estragar, de falsificar as relações humanas. Por seus conflitos íntimos, suas deficiências emocionais, ele *não pode* estabelecer com ninguém um relacionamento livre e espontâneo.

Não é por mero acaso que as palavras “liberdade” e “espontaneidade” são as que com mais frequência e insistência aparecem na argumentação do indivíduo que deseja fugir do envolvimento emocional. Foi o próprio Freud quem, modificando um conhecido provérbio, transformou-o num axioma psicológico: “Diz-me de que te gabas e eu te direi de que careces”. A sabedoria popular bem o captou: o povo desconfia sempre da honestidade de quem vive se proclamando honesto, suspeita das boas intenções de quem não perde oportunidade de declarar-se bem intencionado, malícia as virtudes que não estão nos atos e sim na boca do “virtuoso”.

No caso em pauta, é bem fácil desmontar as alegações de liberdade e espontaneidade. Com efeito, se me aproximo de alguém digno de amor, devo ser livre de amá-lo, se tal sentimento nascer em mim. Amado-o, a atitude mais espontânea será a de estreitar os laços, procurar uma aproximação ca-

da vez mais íntima, querer compartilhar com ele o que tenho, o que sinto, o que sou. E se por acaso início um flerte que, depois, por qualquer razão, não vai adiante, também devo ser livre de não amar, de não inventar sentimentos que não surgiram espontaneamente em mim. Em qualquer das duas hipóteses, a verdadeira liberdade consiste numa disponibilidade para o amor, numa capacidade afetiva plenamente desenvolvida, na possibilidade de deixar meus afetos e emoções fluírem, sem forçá-los nem cercá-los. Outra atitude diferente seria indício de rigidez.

OS PRETEXTOS QUE NÃO CONVENCEM

A verdade é que nenhuma mulher se deixa convencer totalmente pelos argumentos masculinos dessa natureza. Sabe que são pretextos que, em última instância, significam: “Gosto de você, mas não é muuuuito...” Aceita-os quando percebe que esse é o preço de começar o romance — o pobre, o triste romance que ela poderá viver nessas condições. Finge conformar-se com eles para mostrar-se, ela também, evoluída,

compreensiva, tolerante. Mas no fundo abriga o firme propósito de encontrar algum meio — a paciência, o carinho, a submissão, a astúcia, ou o que mais se avier a seu temperamento — para derrubar as barreiras levantadas pelo homem-que-não-quer-compromissos. Ela aparenta admitir as regras do jogo na secreta esperança de vir a ter oportunidade de modificá-las a seu favor.

Seria conveniente que ela não se forjasse muitas ilusões a esse respeito. Que levasse em conta os aspectos fundamentais da questão: como já dissemos acima, ela não está lidando com um esperto que pode cair na cilada de uma esperança maior que a dele. Ou com um indivíduo que esgrime, da boca para fora, defesas que o carinho e paciência possam derrubar. Ela está lidando com alguém que padece de uma espécie de mutilação afetiva, alguém que sempre vai lhe dar um pouco, não porque se tenha proposto, mas sim porque não dispõe de muito para dar. Se a intenção é apenas manter um flerte inconstante, no qual tanto um como o outro poderia dizer do alma leve: “Gosto de você, mas não é muuuuito...” sem que nenhum se sinta ferido ou magoado, está tudo certo. Mas se

um dos dois gosta muuuuito e o outro acha que “esse negócio de amor não convém” (assim como a raposa da fábula achou que as uvas estavam verdes), é garantido que vai haver sofrimento e dores de cabeça.

Sem dúvida, nenhuma pessoa emocionalmente sadia se apaixona por outra que não seja também. Intuição psicológica (isto é, percepção inconsciente), seleção natural ou lá o que seja, faz com que cada um procure — e encontre — o par adequado às suas necessidades mais profundas, à sua personalidade real e não à imagem, revista e melhorada, que fabricou sobre si mesmo. A imensa maioria das pessoas não se vê como realmente é e sim como desejaria ser (o ego ideal). É óbvio que ninguém desejaria ser um mutilado emocional; daí que as pessoas que sistematicamente fracassam no amor sempre atribuem a culpa ao outro, que não lhes soube corresponder à altura, negando-se a reconhecer que elas também não deram tanto quanto imaginavam dar. Portanto, se uma mulher se meteu numa dessas situações “sem compromisso” — e de repente se vê afetivamente comprometida até a medula —, não seria justo que ela se limitasse a acusar a frieza ou indiferença do outro: caber-lhe-ia também fazer um auto-exame para chegar a uma conclusão fecunda sobre si própria: por que o aceitou? por que gostou precisamente desse e não de outro, que teria mais a oferecer?

Seja como for, é necessário que as mulheres estejam atentas ao que ocorre em si mesmas e no outro — quando alguém lhes propõe uma relação que desde o começo é colocada em termos de restrição e reserva. Uma pessoa psiquicamente normal não está nem ávida demais nem receosa; não morre de pressa e ansiedade por criar vínculos sentimentais: deixa que eles nasçam por si mesmos. Nem foge deles quando a atração começa a criá-los, a convivência e a afinidade se põem a consolidá-los. Ela é livre e espontânea — não como escusa capenga, mas como verdadeira atitude emocional.

FIM



